

O PAPEL DOS THINK TANKS CONSERVADORES NA LEGITIMAÇÃO DA POLÍTICA EXTERNA DOS ESTADOS UNIDOS DURANTE O GOVERNO DE DONALD TRUMP (2016-2019)

ALFONSO, Mariana Dias¹

Orientador: Dr. Filipe Almeida do Prado Mendonça

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar os documentos, relatórios e opiniões de três Think Tanks conservadores: Heritage Foundation, American Enterprise Institute e Hudson Institute, levando em consideração três temas-chave de grande debate: as relações com a China, a imigração e os Direitos Humanos. Além disso, será exposto como o presidente Donald Trump lida com a maioria das sugestões desses Think Tanks e como isso é incorporado ao governo.

Palavras-chave: Think Tank; Conservador; Donald Trump; American Enterprise Institute; The Heritage Foundation; Hudson Institute.

Abstract: This article aims to analyze the documents, reports and opinions of three conservative Think Tanks: Heritage Foundation, American Enterprise Institute e Hudson Institute, considering three key issues of great debate: relations with China, immigration and Human Rights. Also, will be exposed how President Donald Trump deals with most of the suggestions of these Think Tanks and how this is incorporated into the government.

Keywords: Think Tanks; Conservative; Donald Trump; American Enterprise Institute; The Heritage Foundation; Hudson Institute.

¹ Graduanda em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Uberlândia.

I. Introdução

O conservadorismo estadunidense, da forma como conhecemos hoje, remete a um modo de pensar criado antes mesmo da própria independência do país em relação à coroa inglesa. Os ideais dos Estados Unidos, sua cultura, suas crenças, tradições, acabaram por formar uma sociedade em que o conservadorismo tivesse espaço para florescer e se desenvolver, mesmo que com diferentes intensidades ao longo da trajetória histórica. (KARNAL, 2007)

Esses ideais baseiam-se principalmente na crença da superioridade democrática dos Estados Unidos frente a outros países, assim como o orgulho nacional que permeia na mente de grande parcela da população. Tal superioridade tem raízes no período de descolonização, onde os colonos colocavam seus interesses à frente aos da metrópole, visto que se sentiam injustiçados com as leis abusivas as quais eram submetidos. O que acabou por gerar vários episódios de atrito entre os dois territórios, como por exemplo, o episódio do Chá de Boston, onde os colonos, possuídos pelo aumento abusivo do preço do chá (monopólio inglês), na noite do dia 16 de dezembro de 1773 saquearam 3 navios ingleses lotados de chá e arremessaram o produto ao mar. Até hoje esse acontecimento é muito importante na história dos Estados Unidos, principalmente em relação ao conservadorismo e as vertentes que acabaram por surgir desse pensamento. (KARNAL, 2007:67)

Pecequillo (2003) vai mais fundo e chama de padrão americano (de 1776 a 1945) elementos que estão sempre presentes na formulação da política externa do país, sendo eles: experimento americano, fundado nos ideais dos Pais Fundadores, onde pregam a liberdade e a igualdade, e mais do que isso, onde o modo de vida estadunidense levaria a democracia; a expansão das fronteiras; e o Destino Manifesto. São três pilares que colocam os Estados Unidos como excepcional, onde a expansão e a busca por novos territórios não apenas lhe é digno, mas também aprovado e concedido por Deus. Na contextualização histórica do conservadorismo, podemos perceber grande presença da religião e preceitos puritanos, que acabaram por dar voz a muitas posturas e políticas que hoje são comuns e aceitáveis pelos conservadores e seus movimentos. (TEIXEIRA, 2007:60)

O dualismo presente na sociedade estadunidense permite que ao mesmo tempo que se promove o *Freedom of speech*, também exista controle por meio da disciplina imposta pela religião. É o país que tem a maior riqueza do mundo, mas que ao mesmo tempo apresenta grande desigualdade social. Além disso, apesar de ser uma sociedade heterogênea, tende a se

unificar pelos pilares já tratados acima, que fortificam mais ainda o nacionalismo do país. (TEIXEIRA, 2007:64)

O livro *Conservative Mind* de Russel Kirk (1953) é importante para entender o conservadorismo contemporâneo e as complexidades que a ideologia pode apresentar. Tal livro foi importante para dar base e despertar um grupo que não se via mais tão representado política e socialmente a partir de 1930. As ideias abordadas nesse livro provêm de um filósofo irlandês, Edmund Burke, que Kirk cita ativamente em sua obra. Burke defendia os pensamentos conservadores, sendo muitas vezes colocado como o fundador do conservadorismo. Ele aponta como as revoluções deveriam ser pautadas na tradição, repudiando as formas de revolução que quebraram totalmente com a estrutura antes presente, apontando uma grande conexão com o liberalismo. Burke foi alvo de críticas daqueles que defendiam uma sociedade mais igualitária. (GOTTFRIED, 2007)

Como forma de encontrar representatividade política e social, os conservadores passaram a atuar de forma que seus interesses pudessem ser legitimados e passados a diante. A sociedade estadunidense buscou e ainda busca formas de colocar seus interesses no sistema decisório. Desse modo, podemos associar o conservadorismo estadunidense com o desenvolvimento de Think Tanks embasados em preceitos conservadores. Aqui serão colocados como objeto de análise três Think Tanks que servirão como exemplo de instituições conservadoras: Heritage Foundation, American Enterprise Institute (AEI) e Hudson Institute, a fim de mostrar como se relacionam com assuntos contemporâneos. Serão analisados 3 temas chaves em cada uma dessas instituições, sendo eles: as relações com a China, a imigração e os Direitos Humanos.

II. Os Think Tanks conservadores e a Política Externa

Think Tanks são instituições que podem ser definidas basicamente como centros de pesquisa e estão presentes em várias áreas, como política, economia, relações internacionais, segurança, meio ambiente, entre outras. Segundo o relatório, Global Go to Think Tank² de 2016, há hoje nos Estados Unidos cerca de 1.835 instituições, sendo que um quarto delas estão estabelecidas em Washington D.C. A relevância dos Think Tanks é tão grande para o país que o número mais que dobrou após 1980. Os Think Tanks conservadores relacionados a política estadunidense buscam oferecer um respaldo científico para o poder decisório do país, para que assim possam exercer e legitimar sua influência. A tabela a seguir, coletada do

² Disponível em: <https://www.iris-france.org/wp-content/uploads/2017/01/2016GlobalGoToIndexReport.pdf>

relatório Global Go to Think Tank³ do ano de 2018, mostra como os Estados Unidos é líder na quantidade dessas instituições, com mais de 1.300 instituições a mais do que o país que ocupa o segundo lugar:

Tabela 1 - Ranking de países de acordo com número de Think Tanks

Ranking	País	Número de Think Tanks
1	Estados Unidos	1871
2	Índia	509
3	China	507
4	Reino Unido	321
5	Argentina	227
6	Alemanha	218
7	Rússia	215
8	França	203
9	Japão	128
10	Itália	114
11	Brasil	103

Fonte: Global Go to Think Tank Index report 2018

A história e desenvolvimento dessas instituições podem ser divididas em quatro fases. A primeira (1900-1945) delas é conhecida como Era Progressista e traz o surgimento do Think Tank Brookings Institution. Nessa fase ressalta-se o papel das instituições voltadas essencialmente para a pesquisa, funcionando até mesmo como uma “universidade sem alunos”, como coloca Tatiana Teixeira (2007). Dessa forma, buscavam aplicar o conhecimento científico adquirido pela pesquisa na esfera pública, de forma que a imparcialidade desse conhecimento conseguisse gerar frutos para o bem-estar dos Estados Unidos. O papel dessas instituições passou a se tornar cada vez mais relevante para as políticas públicas estadunidenses, como exemplo temos o New Deal, uma política abordada e analisada por Think Tanks desse período, em especial pelo Brookings Institution. O diferencial dessa fase é a imparcialidade das pesquisas, não estabelecendo vínculos com partidos (SU, 2016). Nessa fase as instituições estavam muito mais comprometidas com o debate de temas que pudessem melhorar o poder decisório dos Estados Unidos (ABELSON, 2016).

A segunda fase (1946-1970) configura-se durante a Segunda Guerra Mundial e Guerra Fria, quando as instituições se mostram mais engajadas com os acontecimentos ao redor do

³ Disponível em: https://repository.upenn.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1017&context=think_tanks

mundo. Fez-se a necessidade de apontar um pessoal que entendesse as mudanças que estavam ocorrendo, assim como oferecer formas de prosperar no contexto do período. A RAND Corporation é um Think Tank que surgiu durante essa fase e focou em oferecer análises para o Departamento de Defesa dos Estados Unidos. A instituição contou com o envolvimento de engenheiros, biólogos, físicos, analistas, entre outros, o que fez com que a gestão pública estadunidense se desenvolvesse de forma inovadora durante o período. (SU, 2016; TEIXEIRA, 2007) Foi também durante a fase dois que se desenvolveu o Hudson Institute, Think Tank de caráter conservador que será estudado de forma mais profunda neste trabalho. Essa instituição nasceu com o propósito de desenvolver pesquisas nas áreas econômicas e sociais, a fim de diagnosticar problemas a nível nacional. Apenas no ano de 2004 o Hudson Institute se estabeleceu na capital dos Estados Unidos para que assim pudesse desempenhar da melhor forma assuntos relacionados a defesa e segurança do país. (HUDSON, 2016)

A terceira fase (1971-1989) traz um novo conceito de Think Tanks, conhecidos como *advocacy* Think Tanks. Esse termo é comumente aplicado para se referir a instituições que passaram a levar em consideração a elaboração de ideias que pudessem ser relevantes e chamar a atenção dos tomadores de decisão, de forma a se colocarem na máquina do Estado de alguma forma. Os Estados Unidos passavam por um período delicado, tanto nacionalmente quando internacionalmente com a Guerra do Vietnã e a Guerra Fria, que acabou por aflorar as discussões políticas dentro do país. É nessa fase que os Think Tanks, segundo Tatiana Teixeira (2007), procuram influenciar os elementos considerados mais poderosos, de forma que a visão e a ideologia de cada instituição passassem a impactar cada vez mais a tomada de decisões do país. É nessa fase que a pesquisa se torna politicamente enviesada, abrindo espaço para a incorporação de ideias dos próprios integrantes dos Think Tanks, suas convicções e julgamentos do que seria melhor ou não para os Estados Unidos (TEIXEIRA, 2007). O Think Tank The Heritage Foundation foi criado no ano de 1973, no início da terceira fase e é um dos principais exemplos de Think Tanks com caráter *advocacy*. (ABELSON, 2016)

A quarta (1990-2015) e última fase que marca a trajetória dessas instituições foi evidenciada com o surgimento dos chamados *vanity* Think Tanks. Essas instituições focam no legado de algum político ou figura importante que passou pelos Estados Unidos. Como exemplo temos o Carter Center e o Nixon Center, essas instituições têm como papel principal desenvolver o legado deixado pelos seus fundadores, levando em consideração suas ideologias. Além disso, muitas vezes são usados como Think Tanks de "aposentadoria", em que ao invés de inserirem pessoal na política, acabam por retirar. Enxergam neles uma forma

de atuar indiretamente, focando em pesquisas que melhorem a credibilidade dessas instituições. Hoje, esse tipo de atuação não é mais tão reconhecida pelo poder decisório e acaba que não são consultados com a mesma frequência que os Think Tanks com maior nível de *advocacy*. (ABELSON, 2016)

Os três Think Tanks aqui analisados foram escolhidos por sua relevância e voz no cenário estadunidense. Essas três instituições têm caráter *advocacy*, ou seja, as pesquisas, relatórios e documentos não são imparciais e apresentam viés ideológico. Donald E. Abelson (2006), faz uma analogia interessante sobre os Think Tanks e suas formas de atuarem na política, os chamando de *Marketplace of ideas*⁴, isso dá a ideia de que as pesquisas, políticas e posicionamentos estão em uma espécie de “vitrine”, de onde será tirado apenas aquilo que mais interessa ao governo naquele momento. Com isso podemos perceber como as relações do governo com essas instituições é próxima. Segundo Abelson (2006):

Os Think Tanks não podem mais ser considerados meros observadores da Política Americana. Pelo contrário, eles têm investido interesse em participar, direta e indiretamente das conversações que acontecem entre os corretores de poder no Capitol Hill, na Casa Branca e nos estéreis corredores da burocracia, departamentos e agências.

(traduzido pela autora, texto original no rodapé⁵)

As formas encontradas por essas instituições para conseguirem cada vez mais relevância está muito associada com o próprio Estados Unidos, onde a sociedade, desde o início, procurava expressar suas necessidades e muitas vezes juntar-se em instituições ou grupos organizados para conseguirem que suas vozes fossem ouvidas. Os Think Tanks podem atender membros do Congresso, fornecendo respaldo científico e pesquisas para embasar as colocações feitas por esses membros, dando assim maior legitimidade aos projetos. (ABELSON, 2006)

Além disso, a cultura presente na sociedade estadunidense é considerada um solo fértil para o desenvolvimento dessas instituições. Isso porque a descentralização do sistema político dos Estados Unidos permite que os Think Tanks ajudem a moldar a opinião pública e o

⁴ Marketplace de ideias, em português.

⁵ Texto original, segundo Abelson: “Think Tanks (...), can no longer be perceived as detached observers of American Politics. On the contrary, they have a vested interest in participating, directly and indirectly, in the conversations taking place between power-brokers on Capitol Hill, in the White House, and in the sterile corridors of bureaucratic departments and agencies.”

sistema decisório. Como não acontece em muitos países, a sociedade estadunidense sempre buscou ter um papel ativo na política do país, procurando um modo de atuar, mesmo que de forma indireta. Esses são alguns dos motivos que tornam os Estados Unidos referência quando o assunto é Think Tanks (ABELSON, 2006). O poder financeiro e o grande número de membros não é o principal ponto que leva alguns dos Think Tanks estadunidenses a chamarem atenção, mas sim a proximidade que eles têm do poder decisório e da máquina do Estado. (ABELSON, 2016)

Outro fenômeno relevante que acontece com os Think Tanks estadunidenses é conhecido como *revolving door*, a oportunidade que os membros dessas instituições têm de se envolverem diretamente no governo. Esse fenômeno é percebido principalmente quando há a instalação de uma nova presidência, onde o presidente tem que montar seu time que irá compor o novo governo. (ABELSON, 2016). Um exemplo prático desse fenômeno aconteceu recentemente com a posse de Donald Trump, onde o Think Tank Heritage Foundation fez um plano com sugestões de políticas, além disso, também sugeriu um pessoal que de acordo com a agenda conservadora para preencher os cargos de governo. O plano se intitulou *Project to Restore America*. (NYTIMES, 2018)

A partir desses fatos conseguimos entender como os Think Tanks encontraram nos Estados Unidos um local para prosperarem. Os Estados Unidos possuem uma sociedade que busca engajamento na política do país, políticos que procuram por auxílio e apoio para suas decisões baseadas nos ideais do seu partido ou ideologia. Além de tudo, os Think Tanks têm o apoio da mídia, que os colocam em foco, ou seja, além de auxiliarem o poder decisório com pesquisas e membros para o governo, também trabalham o próprio marketing, buscando cada vez mais legitimidade e visibilidade tanto em questões internas quanto externas do país. (ABELSON, 2016)

III. Os três temas de debate

Os Think Tanks em atividade nos Estados Unidos englobam vários temas nos quais desenvolvem pesquisas, opiniões e embasamento para políticas. Para deixar a análise mais clara e perceptível, vamos analisar três temas de debate que são relevantes para essas instituições e que geram documentos. A partir daí é possível entender a abrangência desses documentos e a influência deles na política trabalhada pelo atual presidente Donald Trump. Além disso, olhando para os Think Tanks conservadores, será possível estudar como seus posicionamentos podem ou não ser parecidos. A partir de comentários, relatórios e

documentos desenvolvidos pelos Think Tanks em análise, disponibilizados principalmente em seus próprios sites, podemos discutir mais profundamente esses três importantes tópicos, sendo eles: as relações com a China, a imigração e os Direitos Humanos.

1. As relações com a China

Na discussão das relações dos Estados Unidos com a China, podemos ressaltar principalmente as questões econômicas que envolvem os dois países, e as questões de segurança nacional. Levaremos em conta os tópicos mais problematizados e discutidos por essas instituições, na visão de seus membros e ideologias.

1.1 The Heritage Foundation

Em relatório recente, de abril de 2019, Riley Walters coloca como os Estados Unidos teriam mais vantagem em abaixar as tarifas de importação colocadas em produtos chineses pelo governo. Esse ponto de vista é defendido pois a guerra comercial com a China e as elevações tarifárias impostas pelo governo Trump aumentam artificialmente o preço das mercadorias importadas dos asiáticos, aumentando o preço das importações para os consumidores norte-americanos. O Heritage Foundation faz uma sugestão nesse relatório, de que as tarifas com a China devem ser cortadas o quanto antes, pois elas não levam em consideração como as importações chinesas são essenciais para a economia dos Estados Unidos (WALTERS, 2019). Em um relatório de Fevereiro de 2019, Bakst, Beaumont-smith e Walters (2019) vão mais fundo nessa disputa comercial entre a China e entre os Estados Unidos, alegando que o aumento das taxas dos produtos chineses interfere em toda a economia estadunidense, inclusive no setor da agricultura, que vem sofrendo retaliações por parte da China, fazendo com que os produtores estadunidenses percam mercado. (BAKST; BEAUMONT-SMITH; WALTERS, 2019) Em relatório de maio, Walters (2019) defende como a disputa comercial com a China tende a prejudicar o consumidor estadunidense, segundo ele:

O Escritório do Representante de Comércio dos EUA recentemente iniciou o processo de colocar tarifas adicionais de 25% sobre os bens que os americanos compram da China, no valor de US \$300 bilhões, elevando o valor total de mercadorias da China para cerca de US \$550 bilhões. Essas tarifas afetarão tudo o que os americanos compram do país, de produtos eletrônicos, bens de consumo a brinquedos.

(Traduzido pela autora, texto original no Rodapé⁶)

Com relação a segurança cibernética, um dos assuntos mais comentados no ano de 2019 até então foi o caso da empresa Huawei. A empresa chinesa detém monopólio da tecnologia 5G e aspira levá-la para os Estados Unidos. A questão colocada pelos intelectuais do Heritage Foundation é como essa empresa chinesa, segundo eles acusada de não ter posturas éticas, vai lidar com todos os dados que circularão por essa rede. O ponto principal apontado pela instituição é de segurança: Como os dados dos Estados Unidos e outros países do mundo realmente estarão protegidos? O Heritage Foundation alega que a Huawei tem grande proximidade com o governo chinês, o que gera suspeita de como o governo usa essas informações. (ROGERS, 2019)

1.2 American Enterprise Institute

O Think Tank American Enterprise Institute (AEI) traz para o debate os grandes investimentos chineses que vem acontecendo a redor do mundo. Vários documentos são liberados sobre o *Belt and Road Project*, onde a China financia vários projetos em países da Europa, África e América Latina. O AEI aponta isso como uma forma de conseguir cada vez mais influência mundo afora, fazendo inclusive a associação desse projeto com o Plano Marshall, promovido em 1947 pelos Estados Unidos como uma forma de recuperar os países da Europa e Ásia pós Segunda Guerra Mundial. O AEI utiliza um relatório feito pelo Center for American New Security, para dar sugestões, respaldos e informações mais precisas sobre esse projeto chinês, segundo a visão da instituição. (KLIMAN, 2019) A tabela a seguir mostrar alguns desses projetos chineses, focados em 6 partes:

Quadro 1 – Panorama global – projetos de infraestrutura chineses

Região	Projetos	Desafios
América Latina	Represa hidrelétrica Coca Codo Sinclair, Equador	6 desafios
América do Sul	Complexo Espacial, Argentina	4 desafios
Europa	Ferrovias de Budapeste-Belgrado, Hungria	3 desafios
África	Projeto de reconhecimento facial, Zimbábue	4 desafios
Oriente Médio	Porto de Haifa, Israel	3 desafios
Ásia Central e Sul	Extração de carvão, Paquistão;	9 desafios

⁶“The Office of the U.S. Trade Representative (USTR) recently began the process of placing additional 25 percent tariffs on \$300 billion worth of goods that Americans buy from China, bringing the total value of goods from China to be taxed to roughly \$550 billion. These tariffs will affect everything Americans buy from China, from consumer electronics to toys.” (Walters, 2019)

Região	Projetos	Desafios
	Oleoduto chinês-Turcomeno D, Tadjisquistão	
Sudeste Asiático	Porto de Kyaukpyu, Birmânia; Ferrovia de alta velocidade Jakarta-Bandung, Indonésia	10 desafios

Fonte: Center for a New American Security (2019)

Segundo esse relatório, o Center for American New Security levanta alguns pontos que devem ser levados em conta pelos países assistidos pelo *Belt and Road Project*, sendo eles: Riscos a soberania nacional, falta de transparência, riscos financeiros, riscos geopolíticos, negligência às necessidades econômicas da região, impactos ambientais e grande potencial para corrupção. Segundo a instituição, os países envolvidos nesse projeto deverão prestar atenção nesses 7 pontos colocados. A preocupação dos Estados Unidos em relação ao *Belt and Road* é o risco geopolítico que a presença chinesa pode gerar nesses países. Além disso, alguns países não estão conseguindo pagar o empréstimo feito pela China, o que chama ainda mais a atenção dos Think Tanks estadunidenses, em entender a motivação dos chineses com esse projeto, já que aparentemente ele não é financeiro. (THE GUARDIAN, 2019)

1.3 Hudson Institute

Podemos perceber grande ligação de seus intelectuais com o canal conservador Fox News, onde vários deles aproveitam o espaço para poderem dar suas alegações. Para isso utilizamos de várias reportagens e comentários do pessoal filiado ao Hudson Institute, além dos documentos encontrados no site do Think Tank.

No caso da China, Michael Pillsbury é especialista no assunto e filiado ao Think Tank Hudson Institute, além de ser assessor na administração de Trump. Em entrevista à Fox News, em abril de 2019 falou das negociações comerciais da China e dos Estados Unidos, de como os países tem feito essas negociações de forma secreta. O que Pillsbury consegue afirmar é como os tratos comerciais são de longo prazo, chegando até mesmo a 2025. Além disso coloca como a estratégia dos Estados Unidos hoje é baseada na tentativa de conciliação com a China, passando por cima das alegações e acusações de má conduta. As negociações com a China feitas nesse primeiro semestre de 2019 encontram os dois países mais abertos a negociar. Porém, em comunicado de Michael Pence, vice-presidente, feito em outubro de 2018 no Hudson Institute, Pence demonstra como os Estados Unidos estão ligados na posição da China no mundo hoje e como a gigante oriental vem avançando para conseguir aumentar cada vez mais seu poder de influência. (PILLSBURY, 2019)

Em entrevistas mais recentes, em maio de 2019, Pillsbury relata à Fox News os desdobramentos das negociações entre Estados Unidos e China. Os impasses presentes no acordo secreto entre os dois países envolvem principalmente o assunto espionagem. Além disso, segundo Pillsbury, a China não está disposta a aceitar vários termos do acordo, e talvez nunca esteja. O posicionamento do Hudson Institute, segundo Pillsbury mostra que o acordo deve acontecer, a disputa comercial com a China nesse momento é a coisa certa a se fazer, apesar de todas complicações até então. Pillsbury (2019) comenta que o acordo secreto está 90% definido, porém, segundo rumores, os últimos 10% envolvem assuntos mais sensíveis, como observância das leis e outras medidas. Os Estados Unidos já vêm aplicando tarifas de 25% em cima de produtos chineses, o que é apontado por Pillsbury é a possibilidade que a China tem de colocar tarifas retaliatórias contra os Estados Unidos muito em breve. (PILLSBURY, 2019)

William Schneider em seu relatório para Hudson Institute em 8 de maio de 2019, trabalha o assunto Huawei e a influência chinesa no mundo. Segundo suas palavras: Essa é a aspiração da China em sua busca de domínio e controle da infraestrutura de informação global - a “estrada digital”. “Componente de sua Infraestrutura Belt-and-Road⁷ (SCHNEIDER, 2019). Além disso, em seu relatório Schneider comenta como o 5G é mais do que apenas uma conexão rápida, implica em uma série de mudanças e benefícios para o governo Chinês, sendo eles: 1-Tecnologia de comunicação; 2- Navegação de temporização e precisão (PNT); 3- Ciência dos dados; 4- Serviços financeiros e 5- Tecnologias autônomas. (SCHNEIDER, 2019)

2. Imigração

A questão migratória foi um dos assuntos mais comentados no início do governo Trump e durante a sua eleição. Quando as negociações para tentar um ganha-ganha entre democratas e republicanos no polêmico assunto da construção de um muro não deram certo, Trump declarou emergência nacional na fronteira sul do país. Isso quer dizer que o orçamento militar poderá ser revisto e muitos programas não receberão o mesmo orçamento, sendo que o mesmo poderá ser desviado para a construção do muro na fronteira Sul. Enquanto todo esse tramite acontece, o orçamento fica parado devido a quantidade de processos judiciais. A batalha de Trump para tentar realizar a construção do muro, tão comentado durante a sua

⁷ Traduzido pela autora. Texto original: Such at least is the aspiration of China in its pursuit of dominance and control of the global information infrastructure—the “digital road” component of its Belt-and-Road-Infrastructure (BRI). (SCHNEIDER, 2019)

corrida presidencial é longa e ainda enfrentará grandes resistências. (EAGLEN, BERGER - 2019)

2.1 The Heritage Foundation

Depois de mais de dois anos de governo, o Heritage Foundation coloca como a questão da imigração nos Estados Unidos é na realidade uma crise que se encontra cada vez mais caótica. A falta de apoio do Congresso por medidas mais agressivas em relação a fronteira Sul dos Estados Unidos, acaba por criar um impasse dentro do governo, gerando o episódio do “Shut down” que aconteceu em dezembro de 2018 e durou meses. O Heritage Foundation aconselha o presidente Trump a tomar algumas medidas em relação a crise migratória presente, mesmo com a batalha entre o Congresso e o poder executivo. As opções englobam: fechar a fronteira; cortar o apoio financeiro na América Central; colocar alguém para administrar a fronteira; e por último tornar as leis mais rígidas com os imigrantes ilegais. (CARAFANO, 2019)

Além dessas medidas para administrar a crise migratória, o Heritage Foundation ainda recomenda algumas medidas para serem tomadas com os imigrantes ilegais ou até mesmo com aqueles imigrantes que aspiram entrar nos Estados Unidos de forma legal. O que tem acontecido, segundo James Jay Carafano (2019) em seu comentário no site do Heritage Foundation, é que o povo conservador norte americano deseja colocar mais restrições para aqueles que desejam adentrar os Estados Unidos como imigrantes, possibilitando a imigração apenas daqueles que já tiverem um serviço pré acordado ou que estejam sendo contratado por alguma empresa. Além disso, ainda coloca como as leis devem ser mais rígidas para os imigrantes ilegais, não possibilitando nem mesmo o estudo em uma universidade. O objetivo principal do Heritage Foundation aqui é criar respaldo para que a imigração no país seja observada de forma mais cuidadosa, a ponto de trazer para “dentro” dos Estados Unidos apenas pessoas que tenham algo a oferecer para o funcionamento da nação. (CARAFANO, 2019)

Em comentário de maio de 2019, Carafano aponta como o presidente Donald Trump pode superar os obstáculos e se tornar o presidente da imigração e da segurança na fronteira. O ponto chave, segundo Carafano, seria apostar naqueles assuntos que a maioria da sociedade estadunidense concorda, pontos que tendem a deixar a fronteira mais segura, indo menos para o caminho polêmico, mas sim pelo caminho da imigração baseada no mérito, bem vista tanto

por republicanos quanto por democratas. Dessa forma o autor aponta que o presidente tenderia a alcançar o sucesso nessa esfera. (CARAFANO, 2019)

2.2 American Enterprise Institute

Marc A. Thiessen, em seu relatório publicado no AEI em janeiro de 2019, aponta a atitude de Trump em relação ao shutdown do governo no início do ano. O Congresso se recusou a aprovar o orçamento para a construção do muro. Durante o início do shutdown o presidente Donald Trump tentou negociações com os democratas, porém sem sucesso (THIESSEN, 2019). O AEI se posiciona a favor da construção do muro, porém questiona os meios nos quais o presidente Donald Trump tem usado para chegar a seu objetivo. Thiessen aponta como os Estados Unidos precisa da presença de imigrantes, principalmente para preencher empregos que vem sobrando no país, ou seja, a contenção de imigrantes ilegais por Trump é válida, porém o país precisa dessas pessoas e dessa mão de obra para seguir crescendo, já que o número de trabalhadores nascidos nos Estados Unidos não é o suficiente para suprir toda a demanda (THIESSEN, 2019).

Em relatório de abril de 2019 Thiessen insiste na presença de imigrantes no país, segundo ele é necessário que os Estados Unidos contem com imigrantes legais pois o país, ao contrário do que Trump prega, não está cheio. Segundo ele o número de Afro-americanos, Hispânicos e Americanos sem diploma que estão desempregados abaixou consideravelmente devido a administração Trump. Thiessen, menciona a reportagem do Wall Street Journal (2019) pra reforçar ainda mais seu argumento:

Trabalhadores são tão escassos que, em muitas partes do país, empregos de baixa especialização estão sendo dados para qualquer um que estiver disposto. Os trabalhadores com mais especialização estão mais raros ainda de se encontrar. Todos os tipos de pessoas que antigamente tinha problemas em encontrar um trabalho estão achando agora. Minorias raciais, pessoas com pouca educação e pessoas que trabalham em empregos que ganham menos estão ganhando mais hoje, em alguns casos, experienciando a menor taxa de desemprego já vista por esses grupos.

(Traduzido pela autora, texto original no rodapé⁸.)

⁸ Texto original: Workers are so scarce that, in many parts of the country, low-skill jobs are being handed to pretty much anyone willing to take them-and high-skilled workers are in even shorter supply. All sorts of people who have previously had trouble landing a job are now finding work. Racial minorities, those with less education and people working in the lowest-paying jobs are getting bigger pay raises and, in many cases, experiencing the lowest unemployment rate ever recorded for their groups. (WSJ, 2019)

O AEI reforça a necessidade da rigidez das leis migratórias e da construção do muro de ferro que Trump tanto defende. Porém aponta as implicações econômicas da falta de bons imigrantes para os Estados Unidos e para o bem-estar da população estadunidense. Segundo ele, os imigrantes são necessários para que a população não entre em declínio e para que o pagamento de impostos por essa parcela da população possibilite que vários programas do governo funcionem da melhor maneira. (THIESSEN, 2019)

2.3 Hudson Institute

Quando o assunto é imigração, o Think Tank Hudson Institute coloca os benefícios da imigração para a sociedade dos Estados Unidos. Ainda aponta que o principal ponto que deve ser analisado é a qualidade dessas imigrações. Para o Hudson Institute a crise migratória que acontece na fronteira com o México envolve a entrada de muitos imigrantes ilegais e muitas vezes facilita o narcotráfico. O que é sugerido por Irwin M. Stelzer, em artigo de março de 2017, é que a imigração seja melhor selecionada. Ele ainda coloca algumas regras que o governo de Donald Trump pode adotar para melhorar a situação migratória do país, sendo elas: Limitar um número total de imigrantes por ano e selecionar imigrantes que podem melhorar o bem-estar dos nativos de alguma forma. (STELZER, 2017)

Segundo Walter Russel Mead em seu artigo de 7 de agosto de 2017, a imigração legal é importante para os Estados Unidos. Aqui, o mesmo ponto de vista defendido pelo pessoal do AEI é também defendido pelo Hudson. A imigração ilegal estadunidense acaba por ofuscar os benefícios que a imigração legal traz para o país. Mead (2017) aponta como os Estados Unidos foi um país formado principalmente por imigrantes e que a falta deles pode comprometer o dinamismo e a produtividade das empresas norte-americanas. No entanto a postura assumida pelo país hoje tende a desafiar essa visão e a gerar uma sociedade que condena imigrantes. (MEAD, 2017)

3. Direitos Humanos

Os Direitos Humanos é outro tópico relevante para o governo de Donald Trump isso porque as colocações do presidente sobre o assunto causam controvérsia, principalmente em relação a saída dos Estados Unidos do Conselho de Direitos Humanos da ONU (CDH). Os Think Tanks mostram-se ativos em apresentar documentos e relatórios sobre esse tema,

contendo sugestões de posturas governamentais e apaziguamentos para aqueles que se mostram contra essa postura do presidente.

3.1 The Heritage Foundation

Em um relatório de março de 2017, próximo ao início do governo de Trump, Brett Schaefer, pesquisador em assuntos internacionais e membro do Heritage Foundation, fez algumas sugestões de como o governo deveria agir em relação ao Conselho de Direitos Humanos da ONU. O principal ponto apresentado por Schaefer é como o Conselho tem focado em questões relacionadas a Israel, muitas vezes sem condenar violações de direitos humanos muito sérias. Schaefer ainda aponta como essa atitude faz com que o CDH perca a sua relevância em tratar das violações de direitos humanos, e como a presença dos Estados Unidos no Conselho não consegue por si só lidar com esses pontos e direcionar a visão dos outros membros. A sugestão colocada pelo Heritage Foundation seria a reforma no CDH, isso levando em consideração se compensaria o gasto de energia e tempo para o aprimoramento do Conselho, ou se a administração de Trump teria coisas mais importantes a serem cuidadas. (SCHAEFER, 2017)

A partir do relatório de 2017 podemos analisar o relatório de junho de 2018, também feito por Schaefer. Um ano após sua colocação podemos ver o apoio ao presidente Trump à retirada dos Estados Unidos do Conselho de Direitos Humanos. Os mesmos problemas colocados por Schaefer em 2017 persistiram, segundo ele a administração Obama não conseguiu solucionar os problemas do CDH, e a administração Trump optou por finalizar os esforços para "consertar" o Conselho. O pesquisador ainda afirma que a fixação do Conselho em tratar de Israel é enorme, deixando de lado questões referentes a guerra na Síria, por exemplo, o que acaba por diminuir a credibilidade do Conselho. (SCHAEFER, 2018)

Em comentário mais recente de setembro de 2018, a representante dos Estados Unidos nas Nações Unidas, Nikki Haley, expõe seu ponto de vista em uma audiência no Heritage Foundation. Para a autora a saída dos Estados Unidos do Conselho de Direitos Humanos não significa que o país não defenderá mais a causa. O principal apontamento é como o Conselho tem o papel de funcionar como uma capa para os maiores problemas de Direitos Humanos, focando principalmente em Israel e nas violações presentes lá. Haley (2018) completa:

Os Estados Unidos devem usar o poder da sua voz para defender os Direitos Humanos. Vai continuar a fazer isso, mas não como um membro do Conselho que protege países que abusam dos Direitos Humanos.

(Tradução da autora, texto original no rodapé.⁹)

3.2 American Enterprise Institute

Assim como trata o Think Tank Heritage Foundation, o AEI não vê com bons olhos o trabalho que o Conselho de Direitos Humanos desempenha no mundo. Segundo Rubin em seu relatório para o AEI em 2018 o ponto focal do debate é a obsessão do CDH com Israel, tampando os olhos para outros problemas considerados absurdos. Rubin ainda trabalha em seu relatório como o CDH vem perdendo sua credibilidade na forma como trata dos assuntos. Ele expõe como o Conselho tendeu a condenar Israel pela questão palestina, pouco prestando atenção ao grupo terrorista Hamas. (RUBIN, 2018)

Em artigo de janeiro de 2019, Michael Rubin levanta mais argumentos que, segundo ele, apontam para a ineficiência do Conselho, bem como sua condescendência em assuntos que ferem tal direito. Em suas palavras:

A ONU facilita o cinismo do Congresso: Arábia Saudita, Qatar, Paquistão, Egito, China e Eritreia participam Do Conselho de Direitos Humanos da ONU. A UNRWA emprega membros de grupos terroristas, abraça incitação em suas salas de aula e permite que suas escolas sejam usadas como depósitos de armas. A UNIFIL reconhece que túneis ilegais foram cavados sob sua vigilância, mas se recusa a apontar o Hezbollah. A Coreia do Norte, enquanto isso, presidiu a Conferência das Nações Unidas sobre desarmamento. (...) A ONU lança a retórica sobre as mulheres, mas impede que as esposas divorciadas de diplomatas da ONU colham uma parte das pensões de seu ex-marido, deixando-as, muitas vezes, desamparadas. E, enquanto a ONU fala sobre a mudança climática, suas conferências produzem pouco mais do que ar quente e suas descobertas notoriamente não resistem ao teste do tempo; em vez disso, parece que o propósito de seus organizadores tem mais a ver com a expansão dos controles governamentais sobre a economia do que com o clima.

(Traduzido pela autora, texto original no rodapé.)¹⁰

No fim de seu artigo Rubin (2019) finaliza com a colocação de que a administração de Donald Trump foi correta em sair do Conselho de Direitos Humanos e da UNESCO. A não

⁹ Texto original: The U.S. must use the power of its voice to defend human rights. It will continue to do so, but not as a member of a council that protects human rights abusers. (HALEY, 2018)

¹⁰ Texto completo disponível em: <http://www.aei.org/publication/conservatives-can-fix-the-united-nations/>

participação nessas frentes da ONU não torna o país um não praticante dos Direitos Humanos e dos bons costumes. (RUBIN, 2019)

3.3 Hudson Institute

Hudson Institute tem um posicionamento parecido com as outras instituições quando o assunto é Direitos Humanos e como os Estados Unidos vem lidando com esse tema. Pelo menos é o que escreve Walter Russel Mead em dezembro de 2018 para o Wall Street Journal, representando o Hudson Institute.

O que tem acontecido é que a questão de Direitos Humanos no Conselho não tem se mostrado tão efetiva a ponto que valha a pena o pleno envolvimento dos Estados Unidos. Países com posturas violentas e condenatórias não recebem a devida atenção, segundo Mead, o que acaba que medidas de sanção colocadas pelo Estados Unidos não tenham a mesma força, já que, como aponta o autor, países como Rússia e China normalmente não apoiam essas decisões. Mead ainda usa o slogan da campanha de Trump, *America first*, para dar mais peso ao seu argumento. O que vinha acontecendo ao longo dos anos era o envolvimento dos Estados Unidos em assuntos relacionados aos Direitos Humanos, com o direcionamento de tropas estadunidenses e de orçamento militar, o que não gerou o retorno esperado e nem mesmo melhorou consideravelmente a situação das regiões afetadas. (MEAD, 2018)

No fim de seu artigo Mead chama a atenção para a estruturação de uma forma efetiva de agir em denúncias de violação de Direitos Humanos em países como China, Venezuela e Rússia, como forma de honrar o meio estadunidense de viver democraticamente. (MEAD, 2018)

Em uma discussão feita dentro do Hudson Institute, Jon Lener, Kevin Moley e Kristen Silverberg discutem a relação dos Estados Unidos com Israel na era Trump e como as Nações Unidas vem lidando com esse fato. É colocado para debate como a administração Trump parece mais envolvida em atender o que o povo estadunidense realmente quer e o que ele pensa sobre esse assunto, ao invés de buscar aceitação e posicionamento da Europa. Silverberg (2019) aponta ainda como as relações dos Estados Unidos com Israel aumentaram com a administração Trump e a mudança da embaixada dos EUA para Jerusalém. A permanência dos Estados Unidos no Conselho de Direitos Humanos já não vinha gerando frutos positivos para o país desde o governo Obama e na administração Trump mostrou-se menos eficiente ainda, segundo os debatedores. (LENER, MOLEY, SILVERBERG, 2019)

IV. Análise das recomendações dos Think Tanks no governo de Donald Trump (2016-2019)

Analisando os Think Tanks abordados nesse estudo, percebe-se a convergência de opiniões que eles tendem a ter em relação aos assuntos-chave apresentados. Isso se deve principalmente ao fato de seguirem a mesma linha conservadora. Além disso, o caráter *advocacy* desses Think Tanks faz com que suas ideologias sejam passadas por meio de suas sugestões de políticas, relatórios etc. O poder que essas instituições tem de formar opinião é indiscutível nos Estados Unidos, como bem nos mostra Tatiana Teixeira (2007) e Abelson (2002, 2006, 2016).

Durante a corrida presidencial de 2016, alguns Think Tanks conservadores se colocaram contra as políticas de Trump e outros temiam as consequências em trazer um *outsider* para a máquina do Estado. Em reportagem de 18 de janeiro de 2017, Josh Rogin aponta como no governo de Trump o papel dos Think Tanks é questionado. Começando pelo fato de que a transição do governo Obama para o governo Trump não promoveu a *revolving door* que normalmente acontece nas transições. Militares, assim como homens de negócios, foram inseridos na administração, enquanto muitos membros de Think Tanks ficaram na periferia. Um exemplo é James Carafano, vice-presidente de política externa e de defesa do Heritage Foundation, que ficou envolvido na transição do governo Trump, mas não conseguiu um cargo relevante na administração. Carafano ainda diz que o trabalho dos Think Tanks vai muito além de atender ao poder executivo, estando muito presente nas decisões do Congresso e instituições internacionais, se a opção do presidente Trump for deixar de lado o papel dos Think Tanks da forma como é, isso não implica no fim e nem no enfraquecimento das instituições, segundo ele. (ROGIN, 2017)

Segundo Rogin, o Think Tank AEI se apresentou contra as propostas de Trump durante a corrida presidencial e hoje parece "dançar conforme a música" em relação ao governo de Trump. Dos três Think Tanks analisados aqui, o Heritage Foundation é o que, segundo a mídia, mais apoia e influencia o governo Trump com suas sugestões e que não se posicionou contra o presidente durante o período de incerteza que rondou as eleições em 2016. Logo após a vitória de Trump, o Heritage Foundation elaborou um documento intitulado *Mandate for Leadership*, onde estão estabelecidas algumas sugestões e guias de políticas para o novo governo. Desde o início do mandato essa instituição aproveitou para se aproximar do governo e exercer sua influência da melhor forma, levando em consideração a mudança de cenários. (KOPAN, 2016)

O *Mandate for Leadership* é constituído em quatro partes, que foram passadas ao Congresso dos Estados Unidos, ao presidente e seu time ao longo do ano de 2016. Essas partes são: 1-*Blueprint for balance*; 2-*A Federal Budget for 2017*; 3-*Blueprint for Reform: A Comprehensive Policy Agenda for a New Administration in 2017* e 4-*Blueprint for a New Administration: Priorities for the President*. Esses documentos promovem recomendações de políticas para o presidente e para o congresso. As recomendações vão desde a melhor administração do orçamento, até formas de implantar políticas de longo prazo. Além disso, também coloca possíveis dificuldades que Trump poderia enfrentar como novo presidente dos Estados Unidos¹¹. (HERITAGE, 2016)

Em janeiro de 2018, depois de um ano de governo, em uma publicação feita no próprio site do Heritage Foundation, a instituição aponta como o *Mandate for Leadership* foi aceito por Trump. As principais medidas sugeridas se referiam a livre mercado, Estado mínimo, liberdade individual, aos preceitos tradicionais norte americanos e a forte segurança nacional. Dentro desse mesmo relatório, a instituição coloca algumas das recomendações que foram adotadas pelo governo de Donald Trump, sendo algumas delas: Saída do acordo de Paris, aumento do gasto militar, saída da UNESCO, recolocação do sexo como forma de definir o gênero, rejeição ao *Obamacare*, reforço das leis da imigração e rejeição das medidas feitas pelo executivo no governo Obama, entre outras. O documento completo conta com 334 recomendações, sendo que 215 delas foram implementadas por Donald Trump, resultando em um total de 64% de aderência. (HERITAGE, 2016) A seguir a tabela resumida mostra 50 recomendações propostas pelo Heritage Foundation que foram implementadas pelo governo Trump, a tabela completa das políticas do *Mandate for Leadership* consta no link presente no rodapé¹².

Quadro 2 - Recomendações do Mandate for Leadership

Recomendação	Status	Departamento
ONU: Término do financiamento e participação dos Estados Unidos no Acordo de Paris	Implementada	Departamento de Estado
ONU: Interromper o financiamento ao Fundo Global de Assistência ao Clima	Implementada	Departamento de Estado
ONU: Restringir a 25% o apoio dos Estados Unidos à	Implementada	Departamento de Estado

¹¹ Disponível em: <https://www.heritage.org/conservatism/report/blueprint-new-administration-priorities-the-president>

¹² Tabela completa com as medidas do *Mandate for Leadership*, disponível na íntegra em: <https://pt.scribd.com/document/369820462/Mandate-for-Leadership-Policy-Recommendations#download>

Recomendação	Status	Departamento
manutenção de paz promovida pela ONU.		
ONU: Terminar o financiamento dos Estados Unidos ao fundo de População das Nações Unidas	Implementada	Departamento de Estado
Colocar todo o programa de assistência econômica e de desenvolvimento sob o controle do departamento do Estado. Revisar o valor de cada programa.	Implementada	Departamento de Estado
Reforma dos Impostos dos Estados Unidos: Adiantamento da reforma tributária fundamental dos Estados Unidos	Implementada	Tesouro Nacional
Eliminar o Programa Nacional de Investimento em Infra	Implementada	Transporte
Reduzir o papel federal nos gastos rodoviários; transferir a responsabilidade de financiamento de transporte para os Estados	Implementada	Transporte
Reverter a Agenda de Sustentabilidade da Administração Obama	Implementada	Transporte
Expandir o acesso a contas de poupança de educação para alunos que frequentam escolas indígenas (BIE)	Implementada	Educação
Eliminar o perdão ao empréstimo federal	Implementada	Educação
Rescindir orientação redefinindo sexo para significar identidade de gênero	Implementada	Educação
Eliminar os subsídios federais à habitação; capacitar estados e municípios para assumir esse papel	Implementada	Habitação e Desenvolvimento Urbano
Eliminar as atividades de habitação Tribal	Implementada	Habitação e Desenvolvimento Urbano
Revogar e substituir o ObamaCare	Implementada	Saúde e Serviços Humanos
Eliminar bolsa de prevenção de gravidez na adolescência	Implementada	Saúde e Serviços Humanos
Adotar uma medida mais precisa da inflação	Implementada	Trabalho
Eliminar o financiamento para assuntos internacionais do trabalho (ILAB)	Implementada	Trabalho
Reverter as ações executivas no assunto Imigração; impor leis migratórias	Implementada	Segurança Nacional
Reformar a verificação dos indivíduos que procuram entrar nos EUA	Implementada	Segurança Nacional
Fortalecer a segurança nas fronteiras: reformar o William Wilberforce - Lei de Reautorização da Proteção às Vítimas do Tráfico	Implementada	Segurança Nacional
Expandir os programas de viagem confiável e o Programa de Isenção de Vistos	Implementada	Segurança Nacional

Recomendação	Status	Departamento
Melhorar a segurança cibernética de forma mais intencional e explícita	Implementada	Segurança Nacional
Acabar com o Programa Nacional de Seguro contra Inundações (NFIP)	Implementada	Segurança Nacional
Eliminar o financiamento do Woodrow Wilson International Center For Scholars	Implementada	Woodrow Wilson International Center for Scholars
Eliminar o Centro de Política e Promoção de Nutrição (CNPP)	Implementado em parte	Agricultura
Opor-se à rotulagem obrigatória de alimentos geneticamente modificados	Implementada	Agricultura
Aumentar Modernização (Capacidade) Modernizar as Forças Armadas incluindo armas nucleares e defesa contra mísseis	Implementada	Defesa
Produzir um plano para abordar as lacunas atuais na segurança nacional	Implementada	Defesa
Cortar gastos não relacionados a defesa do orçamento do Departamento de Defesa	Implementada	Defesa
Reformar o Plano de Saúde Militar	Implementada	Defesa
Retornar as agências de defesa ao nível de 2011	Implementada em partes	Defesa
Reforma do subsídio básico para habitação	Implementada	Defesa
Nomear um subsecretário para eliminar escritórios desnecessários	Implementada	Energia
Permitir que a Administração Nacional de Segurança Nuclear opere como Agência Autônoma	Implementada	Energia
Eliminar ou privatizar a Administração de Informações sobre Energia (EIA)	Implementada	Energia
Cortar drasticamente ou eliminar o <i>DOE Biological</i> e o Programa de Pesquisa Ambiental e mudar os programas remanescentes para o Escritório de Ciência	Implementada	Energia
Revogar a ordem executiva sobre o aquecimento global e os mandatos de energia verde para agências federais	Implementada por Ordem Executiva	Energia
Eliminar nove programas climáticos	Implementada	Agência de proteção ambiental

Recomendação	Status	Departamento
Eliminar o Fundo de Conservação de Terra e Água (LWCF)	Implementada	Interior
Eliminar o Fundo de Conservação de Espécies Ameaçadas e Gestão de Espécies Ameaçadas	Implementada	Interior
Acesso Aberto à Exploração de Energia em Terras Federais	Implementada	Interior
Permitir o desenvolvimento de recursos naturais	Implementada	Interior
Eliminar restrições à concorrência nos negócios postais	Implementada	Correios dos Estados Unidos
Acabar com a filiação dos Estados Unidos na UNESCO	Implementada	Departamento de Estado
Analisar todos os programas de assistência internacional dos Estados Unidos	Implementada	Departamento de Estado
Reforma dos programas de assistência alimentar dos EUA	Implementada	Departamento de Estado
MBDA: Eliminar o desenvolvimento da Agência de Negócios Minoritários. (\$32m)	Implementada	Comércio
Incentivar o foco do questionário do Censo 2020 em “origem” ao invés de grupos pan-étnicos	Implementada	Censos dos Estados Unidos

Fonte: Feita por autora, original produzida por The Heritage Foundation (2018), tabela na íntegra no rodapé.

Em relatório publicado em fevereiro de 2018, o Heritage Foundation traz uma prévia das medidas do *Mandate for Leadership* que foram adotadas pelo governo Trump. Mostrando que em um pouco mais de 1 ano de governo o presidente teria cumprido mais da metade da sua agenda. A Fox News fez o mesmo comunicado, comparando o governo de Donald Trump com o de Ronald Reagan, considerado um ótimo padrão para os conservadores, mostrando que o presidente Trump cumpriu 15% a mais da agenda se comparado com Reagan no mesmo período¹³. Além disso, em entrevista com Thomas Binion, membro do Heritage Foundation, ele aponta como a instituição dá suporte para o governo Trump e como dentro da administração de Trump existem ex membros do Think Tank, o que aumenta ainda mais sua influência. (HERITAGE, 2018) De acordo com Tatiana Teixeira, em artigo publicado em outubro de 2018, a administração Trump recebeu quase 70 nomes indicados pelo Think Tank Heritage Foundation, dentre eles pessoas de confiança e da própria instituição. Scott Pruitt (agora ex-diretor da EPA), Betsy DeVos (secretária da Educação), Mick Mulvaney (diretor do

¹³ Entrevista completa disponível em: https://www.youtube.com/watch?time_continue=183&v=LvhOO4_qt-U

Escritório de Gestão e Orçamento), Rick Perry (secretário de Energia) e Jeff Sessions (procurador-geral dos EUA), foram alguns exemplos apontados por Teixeira (2018).

Dentre os tópicos colocados aqui, o governo de Donald Trump teve o apoio dos Think Tanks, Heritage Foundation, AEI e Hudson Institute para sair do Conselho de Direitos Humanos e para lutar a favor da implementação de leis mais rígidas referentes a imigração. No assunto 5G e a questão chinesa, Donald Trump ainda não se posicionou de forma clara sobre o andamento que a política de 5G nos Estados Unidos vai seguir. As preocupações do presidente coincidem com as recomendações feitas pelo Heritage Foundation, que expõe os problemas de segurança nacional que em tese a liberação dessa tecnologia pela empresa chinesa Huawei pode gerar. No entanto, o que é colocado pelo presidente nessa onda de incertezas sobre esse assunto é como os Estados Unidos não devem ficar de fora desse fenômeno, mas deve procurar incentivar suas próprias empresas estadunidenses a produzirem essa tecnologia, colocado por ele como "uma corrida pelo 5G". (BARNES, 2019)

Além disso, as questões vão além da própria implementação do 5G pela Huawei em território estadunidense. Os Estados Unidos procuram proibir a implementação dessa tecnologia da empresa em países da Europa, alertando-os das possibilidades que a nova tecnologia poderia oferecer. Os Estados Unidos ofereceram a implementação da tecnologia por eles mesmo, pedindo a países como a Polônia para se aliar na proibição à Huawei. O New York Times (2019) ainda aponta como os Estados Unidos se mostrou envolvido em uma corrida armamentista, que na verdade envolve tecnologia e o compartilhamento de dados que podem comprometer toda a segurança nacional. Na questão do 5G quem controla as redes controla também o fluxo de informações, isso significa que poderá alterar e ter acesso aos dados circulantes na rede. (SANGER, 2019)

A postura do governo dos Estados Unidos em relação ao 5G e a China está diretamente ligada as posições colocadas pelos Think Tanks Heritage Foundation, Hudson Institute e AEI. Inclusive a ajuda dessas instituições em fortalecer o discurso do presidente Trump é considerável. O argumento de que o governo chinês, assim como a Huawei, está envolvido em espionagem estadunidense é reforçada por relatórios e entrevistas fornecidas pelas próprias instituições. O que Sage (2019) aponta em seu artigo no *New York Times* de janeiro de 2019 é como esses relatórios não oferecem as provas precisas para realmente ligar a China à espionagem. Porém o que realmente importa muitas vezes para os Think Tanks é produzir respaldo o suficiente para que tal posicionamento seja considerado razoável, mesmo que ele não seja comprovado de fato. (SANGER, 2019)

Em março de 2019, o New York Times publicou outro artigo com os desdobramentos da situação do 5G pela Huawei, apontando como o governo estadunidense vem tendo dificuldades em barrar o avanço da tecnologia pela empresa chinesa em outros países. A forma como o governo norte americano está abordando países como a Alemanha, por exemplo, ameaçando diminuir a inteligência estadunidense no país caso ele opte por usar equipamentos e tecnologia da Huawei para construção do seu 5G. O argumento de falta de segurança e armazenamento de dados pelo governo chinês não está tendo a mesma força em outras partes do mundo, Grã-bretanha, Índia, Alemanha e os Emiratos Árabes Unidos estão mais focados nos benefícios que poderão ter com a implantação da tecnologia do que seguir as recomendações e ameaças do governo estadunidense, visto que não demonstram evidências concretas de que a empresa chinesa esteja envolvida em espionagem. O que esses países pensam é que as questões vão muito além da segurança nacional e já começam a estar envolvidas em um jogo de poder entre as potências. (BARNES, 2019)

Em artigo mais recentes, Sherisse Pham, pela CNN, divulga que a Huawei está processando o governo dos Estados Unidos por ter criado uma lei assinada por Donald Trump, que proíbe a compra de equipamentos da empresa chinesa por agências federais dos Estados Unidos. Em sua defesa, a empresa chinesa alega que a medida do presidente não permite a livre concorrência nos Estados Unidos e a motivação por traz dela baseia-se em suposições. (PHAM, 2019)

Com relação a imigração, a dificuldade do presidente Trump em aprovar o orçamento do muro na fronteira sul dos Estados Unidos continua grande. O Congresso aprovou apenas uma parcela do orçamento para a manutenção das cercas que já existem na área, porém ainda não liberaram o orçamento completo para a realização do muro de concreto e aço como Trump planejou durante sua campanha. Possivelmente esse é um dos pontos mais sensíveis que o governo do presidente dos Estados Unidos carregará para a sua reeleição em 2020, já que foi um dos tópicos que mais chamou atenção durante a sua candidatura e dividiu opiniões. Os Think Tanks Heritage Foundation, AEI, Hudson Institute, apontam todos a necessidade em conter a crise migratória existente na fronteira, de como a construção desse muro e o fortalecimento das leis migratórias iriam ajudar. Além disso apoiam o governo a não facilitar para os imigrantes ilegais que já estão estabelecidos no país. (BROWNE, 2019)

Em relação a saída dos Estados Unidos do Conselho de Direitos Humanos, o governo Trump seguiu recomendações do Heritage Foundation e teve o apoio de Think Tanks como AEI e Hudson Institute. As alegações dos Think Tanks para “defesa” dessa tomada de decisão

pelo presidente residem em como o Conselho se tornou cada vez mais enviesado, preocupado em questões periféricas, deixando de lado violações que aconteciam em vários países do mundo. (HARRIS, 2018) Além disso, a aproximação que a administração de Trump teve de Israel levou o país a rever seu posicionamento no Conselho de Direitos Humanos, já que as alegações dos membros dos Think Tanks aqui analisados eram de que o Conselho acabava por ter atitudes contra Israel muito mais do que contra as próprias violações de Direitos Humanos de países membros. (LENER, MOLEY, SILVERBERG, 2019)

V. Conclusão

O presente trabalho teve como objetivo apontar como o posicionamento dessas instituições estadunidenses influenciam na máquina administrativa do Estado. Podemos perceber a predominância de Think Tanks com caráter *advocacy* e seu jogo de poderes que acabam por impactar diretamente o governo. Segundo Abelson (2006), o relacionamento entre os Think Tanks e o governo é da forma que é, pois:

Ao invés de ser bombardeado com informação provinda de várias fontes, vários candidatos a presidência recorrem a Think Tanks para ajudarem a desenvolver, reforçar e fazer o marketing da sua plataforma eleitoral. (...) Para os candidatos há pequenos custos e enormes benefícios em estabelecer uma ligação com um Think Tank; para alguns Think Tanks a vantagem pode ser muito grande em se alinhar com um presidente que está ganhando a eleição. Uma vitória presidencial não traz apenas prestígio, mas também, algumas vezes, ofertas de emprego. Estar nesse jogo pode trazer mais fundos e mais doadores em potencial.

(Traduzido pela autora, texto original no rodapé.¹⁴)

A abordagem desses três temas tratados aqui é com base na visão dessas instituições estadunidenses. Os relatórios, documentos, comentários e opiniões recolhidos em seus sites contam com a opinião de cada uma das instituições, bem como de cada membro. Além disso, o caráter conservador de cada Think Tank influencia diretamente nas características das recomendações que elas vão gerar. O Think Tank Heritage Foundation, considerado o mais relevante no governo Trump até então, procurou se moldar para atender as peculiaridades que

¹⁴ Despite being bombarded by information and advice from multiple sources, several presidential candidates have turned to Think Tanks to develop, reinforce, and market their election platform. (...) For candidates, there are few costs and potentially enormous benefits in establishing an association with Think Tanks that can help them to strike a responsive chord with the electorate; for some think tanks, it can be extremely advantageous to align themselves with a winning presidential candidate. Not only does an election victory bring prestige, and, at times, job offers, but a higher profile can translate into more funds from affluent donors. (ABELSON, 2006)

o governo do novo presidente dos Estados Unidos exigia. Seu documento *Mandate for leadership* é a prova de que as recomendações geradas por tal Think Tank são implementadas pelo governo dos Estados Unidos. Muitas vezes essas recomendações é tudo que o governo precisa para legitimar as suas políticas. A construção de documentos, relatórios, palestras e reportagens dos membros desses Think Tanks tornam a posição defendida por eles cada vez mais visível, tornando-a "mais real" no cenário estadunidense, mesmo que tal visão não seja comprovada de fato. (ABELSON, 2006)

Nessa análise podemos perceber como essas instituições funcionam como um MarketPlace de ideias, assim como Abelson (2006) coloca. Vale lembrar também que para o Partido Republicano a candidatura do presidente Trump não era a ideal de início, sua vitória obrigou que o sistema se adequasse a ele. Observa-se a grande vantagem que esses Think Tanks têm nos Estados Unidos, apontado por Abelson (2006) como solo fértil para essas instituições, onde podem prosperar e realmente oferecerem influência política. Podemos perceber em temas polêmicos como a questão da Huawei o poder de influência que um Think Tank gera dentro dos Estados Unidos e como ele não é o mesmo em países da Europa, por exemplo. (ABELSON, 2006)

Podemos notar a convergência e complementaridade de assuntos que os Think Tanks estudados aqui apresentam. Na questão da China o ponto principal é como o comércio com a gigante chinesa é importante para os Estados Unidos, mesmo com a guerra comercial que acontece hoje. A questão migratória apresenta também convergência de opiniões entre as instituições, chamando a atenção para a necessidade de leis mais rígidas e uma melhor seleção de imigrantes, sempre buscando fazer com que a sociedade estadunidense se beneficie desse fenômeno, já que pará-lo não é uma opção. Com relação ao tópico Direitos Humanos nota-se maior alinhamento entre os três Think Tanks, já que todos apontam nos documentos sobre a necessidade de os Estados Unidos deixar o Conselho de Direitos Humanos. A justificativa apontada por todos os Think Tanks é a mesma, reforçando a aproximação com Israel e a negligência do Conselho em tratar e condenar vários países com posturas inadequadas.

Por fim, percebe-se a influência dos Think Tanks no governo de Donald Trump pelas formas apresentadas no presente trabalho. Os relatórios, documentos e recomendações normalmente feitas ao presidente no início do mandato é uma forma de Think Tanks abrirem seu espaço, além disso a sugestão de membros para compor o gabinete também é muito relevante. O fenômeno de *revolving door* e o documento *Mandate for Leadership* são fatos que mostram de forma prática como a relação entre o governo e essas instituições funciona. A

convergência de opiniões entre o governo e os Think Tanks não é mera coincidência e merece ser analisada a fim de entender o jogo de influência e poder que acontece e que envolve muito mais que o próprio governo e seus membros.

Referências bibliográficas

ABELSON, Donald E. **Capitol Idea: Think Tanks and US Foreign Policy**. McGill-Queen's Press-MQUP, 2006.

ABELSON, Donald E. **Do Think Tanks Matter? Assessing the Impact of Public Policy Institutes**. Montreal, Canada: McGill-Queen's University Press, 2002.

ABELSON, Donald E.; HUA, Xin. **Think Tanks, foreign policy and geo-politics: Pathways to influence**. Estados Unidos da América: Routledge, 2016. 220 p.

BAKST, Daren; BEAUMONT-SMITH, Gabriella; WALTERS, Riley. How the U.S.–China Trade Dispute Affects U.S. Agriculture: What You Should Know. **The Heritage Foundation**. 28 fev. 2019. Disponível em: <<https://www.heritage.org/agriculture/report/how-the-us-china-trade-dispute-affects-us-agriculture-what-you-should-know>>. Acesso em: 05 abr. 2019.

BARNES, Julian E.; SANGER, David E.. Trump anuncia plano 5G como casa branca pesa proibindo Huawei. **The New York Times**. New York, p. 1-1. 2019. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2019/04/12/us/politics/trump-5g-network.html>>. Acesso em: 22 abr. 2019.

BARNES, Julian E.; SATARIANO, Adam. U.S. Campaign to Ban Huawei Overseas Stumbles as Allies Resist. **New York Times**. New York. mar. 2019. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2019/03/17/us/politics/huawei-ban.html?action=click&module=RelatedCoverage&pgtype=Article@ion=Footer>>. Acesso em: 27 abr. 2019.

BARNES, Julian E.; SATARIANO, Dam. U.S. Campaign to Ban Huawei Overseas Stumbles as Allies Resist. **New York Times**. United States. mar. 2019. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2019/03/17/us/politics/huawei-ban.html?action=click&module=RelatedCoverage&pgtype=Article@ion=Footer>>. Acesso em: 25 abr. 2019.

BROWNE, Ryan. Pentagon awards nearly \$1 billion to build Trump's border wall. **CNN**. United States. 2019. Disponível em: <<https://edition.cnn.com/2019/04/09/politics/pentagon-awards-funds-border-wall/index.html>>. Acesso em: 25 abr. 2019.

CARAFANO, James Jay. The Border Is a Hot Mess. What's Trump to Do? Here Are His Options. **The Heritage Foundation**. abr. 2019. Disponível em: <<https://www.heritage.org/immigration/commentary/the-border-hot-mess-whats-trump-do-here-are-his-options>>. Acesso em: 20 maio 2019.

CARAFANO, James Jay. Trump Can Be the Transformational Immigration and Border Security President. Here's How. **The Heritage Foundation**. maio 2019. Disponível em: <<https://www.heritage.org/immigration/commentary/trump-can-be-the-transformational-immigration-and-border-security-president>>. Acesso em: 22 maio 2019.

CONSERVATISM, Report. **Blueprint for a New Administration: Priorities for the President**. 2016. Heritage Foundation. Disponível em: <<https://www.heritage.org/conservatism/report/blueprint-new-administration-priorities-the-president>>. Acesso em: 22 abr. 2019.

COOPER, Zack et al. **Grading China's Belt and Road**. 2019. Disponível em: <<https://www.aei.org/publication/grading-chinas-belt-and-road/>>. Acesso em: 15 abr. 2019.

HARRIS, Gardiner. Trump Administration Withdraws U.S. From U.N. Human Rights Council. **New York Times**. United States. jun. 2018. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2018/06/19/us/politics/trump-israel-palestinians-human-rights.html>>. Acesso em: 24 abr. 2019.

HALEY, Nikki. The U.S. Defends Human Rights, While the U.N. Human Rights Council Defends Human Rights Abusers. **The Heritage Foundation**. set. 2019. Disponível em: <<https://www.heritage.org/global-politics/report/the-us-defends-human-rights-while-the-un-human-rights-council-defends-human>>. Acesso em: 20 maio 2019.

IMPACT, Heritage. **Heritage Analysis of Trump Administration's First Year Draws High-Profile Attention**. 2018. Heritage Foundation. Disponível em: <<https://www.heritage.org/impact/heritage-analysis-trump-administrations-first-year-draws-high-profile-attention>>. Acesso em: 22 abr. 2019.

IMPACT, Heritage. **Trump Administration Embraces Heritage Foundation Policy Recommendations**. 2018. Disponível em: <<https://www.heritage.org/impact/trump-administration-embraces-heritage-foundation-policy-recommendations>>. Acesso em: 22 abr. 2019

INSTITUTE, Hudson. **History**. Disponível em: <<https://www.hudson.org/about/history>>. Acesso em: 13 dez. 2017.

KARNAL, Leandro et al. **História dos Estados Unidos: Das origens ao século XXI**. Washington: Editora Contexto, 2007. 239p.

KLIMAN, Daniel et al. **Grading China's Belt and Road**. 2019. Center for a New American Security. Disponível em: <<https://www.cnas.org/publications/reports/beltandroad>>. Acesso em: 11 abr. 2019.

KOPAN, Tal. **Meet Donald Trump's think tank**. 2016. CNN. Disponível em: <<https://edition.cnn.com/2016/12/06/politics/donald-trump-heritage-foundation-transition/index.html>>. Acesso em: 22 abr. 2019.

KUO, Lily; KOMMENDA, Niko. What is China's Belt and Road Initiative? **The Guardian**. London. jul. 2018. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/cities/ng-interactive/2018/jul/30/what-china-belt-road-initiative-silk-road-explainer>>. Acesso em: 15 abr. 2019.

LERNER, Jon; MOLEY, Kevin; SILVERBERG, Kristen. The UN vs. Israel: Strengthening U.S.-Israeli Relations in the Age of Trump. **The Hudson Institute**. Washington, Dc. maio 2019. Disponível em: <<https://www.hudson.org/events/1686-the-un-vs-israel-strengthening-u-s-israeli-relations-in-the-age-of-trump52019>>. Acesso em: 20 maio 2019.

MAHLER, Jonathan. How One Conservative Think Tank Is Stocking Trump's Government. **New York Times**. Nova York, p. 1-4. 20 jun. 2018. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2018/06/20/magazine/trump-government-heritage-foundation-think-tank.html>>. Acesso em: 20 mar. 2019.

MEAD, Walter Russell. The Twilight of Human-Rights Diplomacy. **Wall Street Journal**. New York. dez. 2018. Disponível em: <<https://www.wsj.com/articles/the-twilight-of-human-rights-diplomacy-11545090825>>. Acesso em: 15 abr. 2019.

MEAD, Walter Russell. Immigration Anxieties, Then and Now. **The Hudson Institute**. ago. 2017. Disponível em: <<https://www.hudson.org/research/13814-immigration-anxieties-then-and-now>>. Acesso em: 20 maio 2019.

PHAM, Sherisse; HOROWITZ, Julia. Huawei: US Congress acted as 'judge, juror and executioner' with ban on our products. **CNN**. CNN Busines. mar. 2019. Disponível em:

<<https://edition.cnn.com/2019/03/06/tech/huawei-suing-united-states/index.html>>. Acesso em: 26 abr. 2019.

PILLSBURY, Michael. **The Final Stretch of the U.S.-China Trade Talks**. 2019. Disponível em: <<https://www.hudson.org/research/14939-the-final-stretch-of-the-u-s-china-trade-talks>>. Acesso em: 15 abr. 2019.

PILLSBURY, Michael. President Trump Raises Tariffs on Chinese Goods as Latest Round of Trade Talks Ends Without A Deal. **Fox News**. The Heritage Foundation. maio 2019. Disponível em: <<https://www.hudson.org/research/15019-president-trump-raises-tariffs-on-chinese-goods-as-latest-round-of-trade-talks-ends-without-a-deal>>. Acesso em: 20 maio 2019.

ROGIN, Josh. **Trump shows no love to DC think tanks**. 2017. Disponível em: <<https://www.dailyrepublic.com/all-dr-news/opinion/state-national-columnists/trump-shows-no-love-to-dc-think-tanks/>>. Acesso em: 22 abr. 2019.

RUBIN, Michael. **The UN Human Rights Council makes a fool of itself again**. 2018. Disponível em: <<https://www.aei.org/publication/the-un-human-rights-council-makes-a-fool-of-itself-again/>>. Acesso em: 15 abr. 2019.

RUBIN, Michael. Conservatives can fix the United Nations. **American Enterprise Institute**. jan. 2019. Disponível em: <<http://www.aei.org/publication/conservatives-can-fix-the-united-nations/>>. Acesso em: 20 maio 2019.

SANGER, David E.. In 5G Race With China, U.S. Pushes Allies to Fight Huawei. **New York Times**. United States. jan. 2019. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2019/01/26/us/politics/huawei-china-us-5g-technology.html?action=click&module=RelatedCoverage&pgtype=Article@ion=Footer>>. Acesso em: 24 abr. 2019.

SCHAEFER, Brett. **A U.N. Human Rights Council Reform Agenda for the Trump Administration**. 2017. Heritage Foundation. Disponível em: <<https://www.heritage.org/global-politics/report/un-human-rights-council-reform-agenda-the-trump-administration>>. Acesso em: 11 abr. 2019.

SCHAEFER, Brett D.. **America Is Right to Leave the UN Human Rights Council**. 2018. Heritage Foundation. Disponível em: <<https://www.heritage.org/global-politics/commentary/america-right-leave-the-un-human-rights-council>>. Acesso em: 11 abr. 2019.

SCHNEIDER, William. Infosfera da China de Influência. **The Heritage Foundation**. 8 maio 2019. Disponível em: <<https://www.hudson.org/research/15011-china-s-infosphere-of-influence>>. Acesso em: 22 maio 2019.

STELZER, Irwin M. **Why Not an Auction?** 2017. Disponível em: <<https://www.hudson.org/research/13455-why-not-an-auction>>. Acesso em: 15 abr. 2019.

SU, Jiangli. **Think Tanks in the United States: The Evolution and Evolving Roles**. Sociology Study, Shanxi Province, v. 6, n. 3, p.1-10, mar. 2016.

TEIXEIRA, Tatiana. Heritage Foundation - O Think Tank de Trump. **Opeu**. 16 out. 2018. Disponível em: <<https://www.opeu.org.br/2018/10/16/heritage-foundation-o-think-tank-de-trump/>>. Acesso em: 02 jul. 2019.

TEIXEIRA, Tatiana. **Os Think Tanks e sua influência na política externa dos Estados Unidos**. Rio de Janeiro: Revan, 2007. 268 p.

THIESSEN, Marc A.. **Trump is being the adult in the room on the shutdown**. 2019. Disponível em: <<https://www.aei.org/publication/trump-is-being-the-adult-in-the-room-on-the-shutdown/>>. Acesso em: 15 abr. 2019.

THIESSEN, Marc A.. Yes, America needs walls. But the country is not ‘full.’. **American Enterprise Institute**. abr. 2019. Disponível em: <<http://www.aei.org/publication/yes-america-needs-walls-but-the-country-is-not-full/>>. Acesso em: 20 maio 2019.

VICE President Mike Pence's China Speech at Hudson Institute. **Washington Dc: Hudson Institute**, 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mYAHPPXmcts>>. Acesso em: 15 abr. 2019.

WALTERS, Riley. The Data Are Clear: Remove Tariffs on China. **The Heritage Foundation**. abr. 2019. Disponível em: <<https://www.heritage.org/trade/report/the-data-are-clear-remove-tariffs-china>>. Acesso em: 05 abr. 2019.

WALTERS, Riley. White House Should Provide Public with Economic Reasoning for China Tariffs. **The Heritage Foundation**. maio 2019. Disponível em: <<https://www.heritage.org/trade/report/white-house-should-provide-public-economic-reasoning-china-tariffs>>. Acesso em: 20 maio 2019.

WSJ. Where the Jobs Are. **Wall Street Journal: A look at the 10 hottest and coldest labor markets in the U.S.** Washington Dc. mar. 2019. Disponível em:
<<https://www.wsj.com/articles/where-the-jobs-are-11551441214>>. Acesso em: 20 maio 2019.

ZHONG, Raymond. Huawei Said to Be Preparing to Sue the U.S. Government. **New York Times.** United States. mar. 2019. Disponível em:
<<https://www.nytimes.com/2019/03/04/technology/huawei-lawsuit-us-government.html?action=click&module=RelatedCoverage&pgtype=Article@ion=Footer>>. Acesso em: 25 abr. 2019.